LIMA, Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque; SILVA, Cibely Eugênia da. O discurso sobre a mulher: interpretando os efeitos de sentidos nas tirinhas de "Aline". Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 2, n 1, p. 43-61, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

O DISCURSO SOBRE A MULHER: INTERPRETANDO OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS TIRINHAS DE "ALINE"

DISCOURSE ABOUT WOMEN: INTERPRETING THE EFFECTS OF SENSES ON THE "ALINE" COMIC STRIPS

Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima[1]
Cibely Eugênia da Silva[2]

Resumo: O presente artigo propõe-se a compreender o funcionamento discursivo em tiras de "Aline" (de Adão Iturrusgarai, publicadas entre 1996-2009 e retomando as publicações em 2014) sobre o entendimento de identidade feminina e de questões que envolvem o processo de emancipação das mulheres. Para tanto, mobilizaremos noções teórico-metodológicas da teoria da Análise do Discurso pecheutiana e os conhecimentos das determinações históricas e das concepções sobre a mulher na Maternidade Científica. Para tal, lançaremos mão de autores como Pêcheux (2009, 2015), Freire (2009), Orlandi (2001, 2015, 2016), Santos (2015), entre outros. No processo de interpretação dos efeitos dos sentidos, apreenderemos as projeções ideológicas subjacentes à história e à representação dos sujeitos-femininos.
Palavras-chave: Análise do Discurso; identidade feminina; formações discursivas.

Abstract: The present article aims to understand the discursive functioning of "Aline" comic strips (by Adão Iturrusgarai, published between 1996-2009 and also resuming its publications in 2014) concerning the understanding on female identity and on issues that comprise the process of emancipation of women. For this, We will mobilize Pecheutiana Discourse Analysis theoretical-methodological notions and knowledge from historical determinations and from conceptions regarding women in Cientific Maternity for such. So, we will rely on authors such as Pêcheux (2009), Freire (2009), Orlandi (2001, 2015, 2016), Santos (2015), among others. Along the interpreting process of the effects of meaning, we came to understand the ideological projections underlying history and the representation of the female subjects.
Keywords: Discourse Analysis; female identity; discourse formation.

Introdução

Entendemos, com base em registros históricos a que tivemos acesso por meio de divulgação impressa (artigos, notícias, revistas) e digital (plataformas digitais), que a atuação feminina na sociedade de um modo geral foi, durante um longo período, desenvolvida e baseada em ideologias opressoras que não viabilizavam uma situação

[1]Professora do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, e-mail: manu_camila@hotmail.com.
[2]Doutoranda em Linguística e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, e-mail: cibely.al@gmail.com.

verdadeira de autonomia para a mulher. Assim, a luta pelo direito de participação que rompesse a redoma doméstica propiciou construções histórico-ideológicas e discursivas que atribuíram à mulher uma identidade moderna, em que esta fosse capaz de ampliar suas esferas de atividade e desempenhar seus papéis por escolha, não por sina ou imposição social. No entanto, essa identidade ligada à modernidade enfrentou, e ainda enfrenta, um árduo processo de aceitação social.

Quanto à relação modernidade e mulher no que tange às novas atribuições/papéis sociais, Caulfield, conforme cita Freire, esclarece que:

> nos anos 1920, o sentido de qualidade de modernidade dependia do gênero do sujeito, assumindo conotação positiva, de racionalidade, quando atribuído ao homem, e significando, de outro lado, desregramento moral quando atribuído à mulher. Da mesma forma, nas páginas das revistas, a expressão “mulher moderna” – sem o seu equivalente antagônico – era muitas vezes empregada com sentido pejorativo, particularmente quando os articulistas desejavam associá-la a atitudes imorais ou transgressoras (CAULFIELD *apud* FREIRE, 2009, p. 37).

De acordo com Orlandi (2001, p.12), a relação do homem com o pensamento, com a linguagem e com o mundo é mediada pelo discurso, pois o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação. Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar, discutir e apresentar algumas imagens da mulher e de sua identidade (ou o falseamento desta) projetadas nos discursos que, por sua vez, estão contidos na língua(gem), para então apreender os sentidos que envolvem o “ser mulher” e o “fazer da mulher” no decorrer da história.

Para alcançarmos tal apreensão, selecionamos algumas produções de tiras da personagem Aline, de autoria de Adão Iturrusgarai, publicadas nos decênios de 1990, 2000 e 2010, por acreditarmos que estes espaços temporais demarcaram momentos essenciais para a mudança de comportamento feminino na sociedade. O *corpus* da análise é composto por dez tiras, embora nosso gesto de análise seja direcionado para três tirinhas específicas relacionadas ao recorte temporal escolhido e serão analisadas de acordo com a apreensão das condições de produção em seu sentido estrito (contexto imediato) e em seu sentido amplo (contexto sócio-histórico, ideológico) (ORLANDI, 2015, p. 28), categorias essenciais para compreender a construção da identidade

presente na representatividade do sujeito feminino no discurso humorístico das tirinhas e esquematizados em eixos norteadores, os quais serão apresentados a seguir, na seção 2 deste trabalho.

A escolha pelas tirinhas se deu por corresponderem a um gênero conciso, dinâmico, que explora o verbal e o não-verbal, cuja mobilização exige apreensão de sentidos implícitos e de inferências, que traz temas sociais diversos, de modo crítico, ousado e contundente, além de apresentar comicidade e sarcasmo em suas construções, representando uma rica materialização discursiva. Complementar a isto, Vergueiro (2014, p.8) afirma que “as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica”.

Desse modo, a representação do feminino projetada nos quadrinhos possui grande relevância, assim como as demais materialidades discursivas, para a interpretação dos discursos que conduzem de forma social e histórica o “ser mulher” e, como defende Oliveira (2015), os estudos que contemplam investigações acerca da identidade feminina “além de repensar o social podem servir também para recriá-lo a partir da reconstrução da forma de organização e estruturação do poder nos relacionamentos humanos, sejam públicos (objetivos) ou privados (subjetivos), mas ambos políticos” (OLIVEIRA, 2015, p. 8).

Para Pêcheux (2009, p.147), formação discursiva é “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]”. Assim, o sentido se configura como sendo o resultado de sua imersão em uma formação discursiva, (FD), ou seja, aquilo que pode ser dito em determinado momento tendo em vista a posição que o sujeito ocupa numa dada conjuntura, pois o sentido varia de uma FD para outra. O sentido desliza e define a inserção do sujeito em uma FD ou em outra. Nas palavras de Pêcheux (2009, p.146):

> as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Dito isso, a produção antagônica de sentidos está associada ao lugar social que o sujeito do discurso ocupa num dado momento histórico, e com a(s) FD(s) nas quais ele se inscreve. Por este motivo, a mesma palavra pode ter sentidos outros, e, em momentos diferentes, palavras distintas podem produzir sentidos semelhantes. Então, o sentido pode variar de acordo com a posição daqueles sujeitos que o empregam dentro de um determinado contexto social.

Assim, em Aline as ideologias mobilizadas pelas lutas feministas traçam a quebra de paradigmas machistas/patriarcalistas que repercutem em transformações sociais, formando um ciclo em que discursos ideológicos investidos nas atividades humanas – e em suas mudanças – perpassam pela linguagem em forma de enunciados concretos e estes reverberam em influências/interferências na formação dos sujeitos.

Desta forma, a relevância deste trabalho se dá pela compreensão deste ciclo que envolve as atividades humanas – manejadas pelas ideologias por via das FDs – possível por meio da análise da materialização enunciativa, dando ênfase às atividades do ser mulher e de seu(s) lugar(es) na história e na sociedade, estabelecendo diálogos entre discursos que envolvem o sujeito feminino na sua formação identitária, a (des)montagem dos estereótipos de mulher, as imposições/escolhas estéticas, suas relações com o outro e com o mundo e o exercício de sua liberdade.

Enfim, o trabalho em questão tende a contribuir para a percepção das projeções dos discursos na construção dos fatores que conferem à mulher o status de sujeito tradicional e/ou moderno, bem como a validade destes fatores e suas implicações para uma configuração social mais ampla, tendo como compromisso precípuo não a atribuição de um protagonismo feminino exacerbado ou a construção de histórias de “vítimas”, mas, sim, estabelecer relações discursivas em favor da equidade, de modo que um sujeito social não se sobressaia em detrimento de outro devido ao seu sexo/gênero.

Por este motivo, escolhemos trabalhar com a Análise de Discurso pecheutiana, com ênfase nas categorias condições de produção (CP) e FD a fim de compreender a constituição do sujeito “feminino” tendo em vista a produção antagônica dos sentidos, pois, nas palavras de Orlandi (2016, p. 55) “Não há sujeito, nem sentido, que não seja

dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva [...]”.

Metodologia

O presente trabalho discute como se dá a filiação em FDs nos modos de representar a mulher a partir das determinações dos paradigmas da tradicionalidade e da modernidade os quais têm se instaurado e se transformado gradativamente no decorrer da história. Para tal, a pesquisa tem por base teórica a Análise do Discurso pecheutiana (AD), objetivando descrever como se dá a construção discursiva sobre as identidades femininas, explorando a materialização dos discursos por vias do verbal e do visual veiculados em tiras de “Aline”, explanando a referida construção de acordo com as influências de cunho histórico e ideológico que marcaram os decênios de 1990-2010, aproximando o diálogo com autores como Oliveira (2015) e Freire (2009).

Trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa com um *corpus* constituído por materialidades discursivas oriundas da internet, selecionadas a partir do recorte temporal de 1990, 2000 e 2010, e de autoria de Adão Iturrusgarai. A partir do material textual selecionado pela compatibilidade temática com este estudo e de acordo com os eixos dispostos a seguir, efetuaremos a observação da transformação e da preservação dos discursos, refletindo sobre suas implicações para as projeções representativas do feminino e para a compreensão da formação identitária que subjaz o “ser mulher”.

Deste modo, a análise será esquematizada em dois eixos básicos selecionados como indicadores e norteadores da pesquisa:

I. A mulher e suas relações de afetividade e sexualidade;

II. A estética da mulher.

Tais eixos serão abordados no corpo das análises com a finalidade de contemplar aspectos fundamentais às representações femininas historicamente inscritas e, por conseguinte, basilares para a formação da identidade feminina numa perspectiva sociocultural, empregados também por corresponderem a elementos de luta, coerção e

afirmação da mulher ao longo da história, permitindo estabelecer reflexões à luz da teoria do discurso nas representações do feminino, rastreando estereótipos que vinculam a identidade feminina ao paradigma “moderno” e/ou “tradicional”.

Apresentação e análise do corpus

Seguiremos à apresentação das tirinhas, levando em consideração as condições de produção dos discursos que envolvem a personagem principal, tendo em vista a necessidade da inserção nos contextos de produção pontuais das tirinhas de uma introdução de cunho descritivo-analítico aos perfis da personagem principal, sendo esta o ponto nevrálgico das nossas interpretações.

Aline é uma mulher jovem, sem carreira profissional estável, polígama (é casada com Otto e Pedro e possui vários amantes) e “desavergonhada”. A personagem traz uma gama de quebras e de continuidades de paradigmas em torno da imagem do ser e do fazer feminino na sociedade. Seus pais são divorciados, sua mãe apresenta um perfil materno atípico, figurando uma mulher desprendida de padrões social e moralmente estabelecidos, e seu pai, Estevan, vive conjugalmente com uma mulher da idade de Aline e coleciona revistas de “mulher pelada”.

No que tange à ruptura de paradigmas, Aline é a mulher de cabelo rosa que usa minissaia, ninfomaníaca e adúltera assumida. Trata-se de uma mulher que apresenta comportamento sexual socialmente reprovado (especialmente pelo seu pai, que, no entanto, se comporta de modo similar). Todavia, ela sustenta ainda características tipicamente associadas à mulher socialmente estereotipada, como preocupações estéticas, principalmente no que se refere ao seu peso, ao fato de atormentar seus cônjuges por ter sintomas de TPM e de ser extremamente “bisbilhoteira.”

A moça descolada de cabelo rosa apresenta um perfil dinâmico transitando entre o habitual e o inusitado no que concerne ao papel e ao comportamento feminino; em primeiro momento, parece mobilizar as noções de mulher moderna e emancipada, mas provoca quebras até mesmo na imagem já concretizada em sociedade da “mulher moderna” – visto que não há na trama da personagem elementos substanciais implicitamente instituídos no contrato social que confere à mulher status de autonomia,

tais quais a formação acadêmica e/ou profissional e possuir emprego formal. Aline é movida pelo exagero, pela sátira, pela subversão e traz a complexidade de ser uma quebra dupla de padrões, do tradicional e também do moderno, e, simultânea e paradoxalmente, de ser a libertária (e libertina) que ainda ancora traços da típica construção cultural de ser, em seus múltiplos sentidos, “uma mulherzinha”.

A tira analisada na sequência expõe a ironia a partir do padrão social de moralidade correlacionado ao vestuário feminino em um jogo discursivo carregado de humor e crítica, que pode ser identificado na tira I:

Tira I- Fonte: http://pseudouniverso.blogspot.com/2011/02/aline.html



A tira inicia com um questionamento de Aline a seus namorados sobre a decência de sua saia, mais especificamente de sua minissaia. Tal enunciado do sujeito feminino remete, em primeiro momento, a sua suposta condição submissa nos moldes do paradigma patriarcal/tradicional em que a estética e o vestuário feminino devem passar pela aprovação masculina – mais designadamente pela aprovação do pai ou do marido.

De acordo com Pêcheux (2009), a ideologia pode ser apreendida na linguagem através das FDs, lugar onde as palavras recebem a atribuição dos sentidos, um espaço de reformulação dos dizeres, onde se pode encontrar uma dependência constitutiva do interdiscurso - como o já dito e esquecido - a memória do dizer que sustenta cada tomada de palavra no intradiscurso - atualização do dizer. Neste sentido, a interdiscursividade também é acionada pela significação da minissaia dada por questões históricas e culturais atreladas aos movimentos de emancipação e rebeldia femininas, mais marcadamente na década de 1960, tempo em que notadamente a peça não se

resumia meramente a uma questão de gosto ou estética, repercutindo enquanto ato político de contestação dos padrões femininos.

O embate no jogo discursivo dá-se pela reflexão sobre o que é socialmente tido como decência ou como indecência que estigmatiza a mulher, no que se refere ao uso de determinadas roupas, e é utilizado como indicador de sua própria decência mediante a aprovação ou a reprovação social. No caso da tira, o uso da minissaia é reprovado por Otto e Pedro (primeiro quadrinho) que concordam quanto à indecência da peça, seguindo-se para a aprovação diante de uma saia de maior comprimento (segundo quadrinho), mantendo o leitor-interlocutor preso à ideia de sujeição por parte da personagem feminina.

A ruptura dos discursos da tradicionalidade (no último quadrinho) é efetuada a partir da subversão de Aline diante do posicionamento de seus cônjuges, fazendo sua identidade de mulher “desencanada” e “liberal” sobressair ao protocolo social de aprovação/desaprovação, desestabilizando as noções de decência e indecência da mulher tomando o vestuário como indicador – como se a decência/indecência se resumisse, literalmente, à própria saia.

O último quadrinho nos mostra ainda, pelo discurso icônico, o assédio visual pela exposição do corpo (a personagem atrai os olhares ao circular publicamente – inclusive de um animal), o que para Aline, visivelmente, não é um incômodo – visto que, para ela, o assédio sexual apenas corresponderia a um inconveniente quando não ocorre e quando não se concretiza no próprio ato sexual, como propõem as tiras subsequentes:

Tira II. Fonte: http://violenciaxseguranca.blogspot.com/2011/10/



Tira III. Fonte:https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u631363.shtml



Apesar dos efeitos de sentidos que dialogam com o discurso feminista dos ideais de liberdade da mulher sobre seu corpo, a discursividade em “Aline” reflete o tratamento social dado ao corpo feminino de modo a suavizar a violência do assédio pelas propriedades do discurso humorístico. O discurso do assédio é materializado de forma simplista enquanto insinuação ou iniciação de um feito, não como uma violência consumada – já que não vai “até o fim” –, logo, o discurso ameniza tal prática, usualmente exercida pelos homens em vias públicas e na esfera profissional, pela aparente incompletude de um ato, por se limitar a contatos físicos “menos invasivos”, palavras ou olhares.

Assim, na tira I, o comportamento final da mulher desconstrói a relevância do comprimento da sua roupa para a definição do que é convencionado como decência ou indecência, mas termina por colocar a mesma mulher em condição de suscetibilidade ao assédio sexual e enquanto provocadora desse comportamento, de modo que o

mecanismo discursivo de emancipação é realizado pelo estabelecimento de padrões (decência/indecência) para poder simultaneamente subvertê-los e retomá-los.

Nossa próxima análise tem por objeto o discurso materializado na tira IV (apresentada a seguir), que aborda a relação entre marido e mulher na modernidade, em que notamos um “recorte” ou ruptura do relacionamento bígamo vivido por Aline:

Tira IV. Fonte: O mundo maravilhoso de Adão Iturrusgarai, 2009.



Na tira IV, Aline é apresentada realizando uma simpatia com o objetivo de fazer um de seus maridos retornar cedo para casa. Para agradá-lo, conforme prescrição da simpatia – que consiste num ritual baseado em crença popular que visa prevenir ou dissolver uma situação indesejada, neste caso, a demora do marido –, Aline provê elementos para a casa que costumam ser atrativos e satisfatórios ao sexo masculino, neste ponto, assemelhando-se ao “O Decálogo da Esposa” (1924) no que se refere às intenções de manter o ambiente agradável ao homem.

Retomando as condições de produção amplas do discurso para alcançar as condições estritas, na década de 1920, segundo o “Decálogo”, publicado na Revista Feminina, a esposa deveria deixar o lar sempre em ordem e manter o semblante risonho, já na modernidade do primeiro decênio de 2000, a esposa é recomendada a esperar com a geladeira cheia de cervejas e assinar um canal de esportes. A personagem que é caracterizada por seu desprendimento aos protocolos sociais tradicionais apresenta neste enunciado um comportamento geralmente associado a mulheres tradicionais em casamentos monogâmicos: a preocupação com o atraso do marido que pode indicar um relacionamento extraconjugal.

A simpatia, ao indicar elementos considerados atrativos ao homem dentro das condições de produção do discurso de “Aline”, também reflete e reforça o estereótipo de masculinidade, como tomar cerveja, assistir o futebol e chegar tarde ao lar, que, por conseguinte, é socialmente apreendido em oposição à feminilidade. Tais elementos são considerados tão inerentes ao sujeito masculino que, no enunciado da tira, afirma-se a improbabilidade da reversão do efeito “colateral” da simpatia.

Na tira em questão, dá-se o embate discursivo da tradicionalidade dentro da modernidade, produzindo sentidos múltiplos para as práticas sociais de ambos os gêneros, confluindo sentidos para os discursos que manipulam o social para condenação ou absolvição de dadas ações a depender do gênero do sujeito praticante.

Tira V. Fonte: file:///home/coordenacao/Downloads/15547-Texto%20do%20artigo-48735-1-10-20170910.pdf. In: Lima e Oliveira (2017)



A tira V inicia com a expressão de indignação de Estevan, pai de Aline, que introduz ao leitor a impressão de preocupação e aparente cuidado com a filha, que remete ao perfil paterno tradicional. A ruptura dessa interpretação se dá pelo conhecimento da razão da preocupação de Estevan, que não consiste nas implicações possivelmente antecipadas pelo leitor-interlocutor, como de um possível risco para o bem estar físico, emocional e/ou social de Aline na posição de uma garota de programa, mas nas implicações sociais para sua própria imagem perante seu círculo de amizade.

O humor da tira é acionado pela resposta de Aline, que faz uso da ironia (insinuando que Estevan seja seu “garoto propaganda”) ao responder a pergunta retórica do pai, realizada num dizer comumente presente na fala dos pais diante de circunstâncias socialmente constrangedoras provocadas pelos filhos (“O que eu vou

dizer pros meus amigos?!”), acentuando a quebra na relação tradicional entre pai e filha e entre mulher e sociedade, sustentando sua posição sem ceder à ameaça iminente de depreciação social, tendo em vista que, para Aline, seria “unir o útil ao agradável” (a remuneração e a satisfação da compulsão sexual), já que, como apontado nas tiras VI e VII, a jovem é ninfomaníaca declarada (e diagnosticada):

Tira VI. Fonte:https://oglobo.globo.com/cultura/livros/adao-iturrusgarai-lanca-em-book-obra-completa-de-aline-17053752



Tira VII. Fonte: Retirada da Biblioteca digital https://iturrusgarai.wordpress.com/



A tira VI mantém primeiramente o paradigma de modernidade através do não comprometimento de Aline com o desconforto do pai, satirizando o estereótipo tradicional da mulher submissa ao homem, em especial ao pai e ao marido, nos moldes patriarcais. No entanto, é possível aprender nas tiras uma dupla ruptura, com as estabilidades do tradicional e com as estabilidades do moderno, considerando que a personagem não se preocupa com as contribuições femininas à coletividade em âmbito social e político como previsto nos primeiros discursos do movimento de emancipação feminina, que persiste também, especialmente, na década de 1920 e na década de 1960

– períodos marcados, respectivamente, pelo maternalismo científico e pelo incentivo ao aprimoramento intelectual da mulher, por vias do ingresso no ensino superior.

A análise seguinte tem por foco a tira VIII, na qual há a percepção de uma relação antagônica entre a mulher e o envelhecimento que se faz presente na construção da comicidade do enunciado abaixo:

Tira VIII. Fonte: https://judao.com.br/aline-das-tiras-adao-esta-de-volta-e-agora-tem-40-anos/



O enunciado precedente integra as últimas produções de “Aline”, retratando a vida da personagem enquanto uma mulher de 40 anos, sendo explorados nesta fase os complexos e dilemas femininos da chamada meia-idade. A tira inicia com uma felicitação de Otto dirigida a Aline pelo seu aniversário que é mal recebida quando este menciona sua idade. O desconforto da personagem diante disso é ilustrado nas imagens pela expressão de raiva (segundo quadrinho) e pela agressão da parte de Aline (último quadrinho).

No plano linguístico, a fala de Aline chama atenção por ser um dizer usual da réplica a um insulto geralmente dirigido à mãe do interlocutor, produzindo um efeito de sentido de “igualdade” do nível de ofensa entre os sujeitos. Dessa maneira, na junção do icônico e do linguístico, podemos apreender que, neste momento, Aline é interpelada pela FD do patriarcado, a qual dita um estereótipo da mulher “presa” à juventude, que além de não aceitar e de não mencionar a idade, entende tal menção como uma ofensa, algo de teor agressivo.

As tiras seguintes são exemplos do intradiscurso, que pode ser entendido, segundo Courtine (2014, p. 102) como o lugar onde se manifesta o imaginário no

discurso, ou seja, onde o sujeito enunciador é produzido na enunciação como interiorização da exterioridade do enunciável. O funcionamento do intradiscurso nos dizeres de Aline refere-se às preocupações com o corpo expresso na contemporaneidade e com a importância dada à estética feminina na sua relação com o envelhecimento, no caso da personagem em questão, à estética dos seios. Esta mudança é algo que marca notadamente a fase vivida pela personagem e é elemento constituinte da "engrenagem" do discurso da volubilidade feminina na "crise da meia-idade", revelando inaptidão para lidar com as consequentes mudanças na aparência e com o significada da idade atribuída à mulher e pela mulher, acionando o culto à beleza e à juventude.

Tira IX. Fonte: Retirada da Biblioteca digital https://iturrusgarai.wordpress.com/



Esta mesma "inconveniência" em relação ao corpo de Aline a faz procurar por parceiros com os quais ela possa escondê-la (situação exibida na próxima tira), visto que corresponde socialmente a algo que foge do padrão considerado desejável/atraente, em um jogo de espelhos entre o discurso da "meia-idade" e a construção da imagem e da identidade assumidas pela própria mulher.

Tira X. Fonte: https://judao.com.br/aline-das-tiras-adao-esta-de-volta-e-agora-tem-40-anos/



Dadas tais considerações, os discursos veiculados pelos enunciados da “Aline quarentona” vivenciando as transformações de determinações temporais do próprio corpo exibem a “intolerância” ao envelhecimento como algo natural à mulher, tendo variações que resultam em subversão das mudanças, apontadas como “desvantagens” estéticas, pela personalidade irreverente e caricata de Aline.

Os dizeres de Aline são sustentados pela formação discursiva do patriarcado (como o imaginário da feminilidade estritamente associado à padronização do corpo feminino e a busca incessante da beleza juvenil, explorados sobremaneira pela mídia) e refletidos em estereótipos historicamente circunscritos que atuaram e atuam na formação da imagem e da identidade idealizadas para e pela mulher, evidenciando uma transação contínua entre o tradicional e o moderno.

Desta forma, por mais que a personagem seja considerada a frente de seu tempo e tenha atitudes que, por vezes, contradizem o esperado, como as que mostramos nas tirinhas apresentadas, ela acaba sendo cooptada pela FD dominante, do patriarcado, o que resulta na forma como a personagem se vê enquanto mulher e como ocorre a constituição do seu “sujeito feminino” dentro de uma sociedade cheia de padrões e estereótipos, ou seja, a identidade de Aline é construída de acordo com suas tentativas de sobressair à formação discursiva dominante.

Conclusões

É notável que o exercício de alguns papéis e comportamentos pela mulher marcou sua história e sua identidade na sociedade, excepcionalmente o exercício

daqueles que propiciaram o cerceamento do sujeito-feminino ao âmbito da domesticidade e a domesticação de sua sexualidade, que ganharam solidez devido à prevalência sociocultural de determinadas ideologias, materializadas em discursos, que estão representados nas diversas formas de linguagem humana, sobremaneira na língua.

Essas FDs dos sujeitos são constituídas pela ideologia que atua para a criação da identidade feminina na contemporaneidade, a qual se apresenta móvel entre os paradigmas da tradição e da modernidade num jogo discursivo contínuo que permeia o ser e o fazer da mulher, rompendo e se religando a um leque de estereótipos preexistentes aos sujeitos-femininos.

Ancorados na Análise de Discurso pecheutiana, buscamos decompor os efeitos de sentidos materializados nos enunciados das tirinhas de “Aline” na grande equação dos enunciados que, pelo teor ideológico indissociável à língua, permitem a interpretação dos lugares sociais, das ações e das significações dadas à mulher, requeridas dela e impostas a ela por meio de formações discursivas, de modo que as identidades femininas transitam em uma linha tênue entre autonomia/emancipação feminina e falseamento da imagem do “ser mulher”.

A discursividade em “Aline” apresenta maleabilidade e complexidade de uma identidade que não segue uma prescrição de afirmação estrita a apenas um paradigma, trazendo uma modernidade caricata que ainda esboça traços do tradicional. Aline corresponde a um contorno do exercício da liberdade da mulher em trajes de libertinagem, havendo, portanto, subversão da emancipação feminina ao considerarmos que a personagem é dita ninfomaníaca.

Logo, suas práticas sexuais, que insinuam uma liberdade da mulher pela ruptura com a domesticação de sua sexualidade, são guiadas não por uma consciência libertária, mas pelo que é entendido como um transtorno psiquiátrico, isso implica dizer que Aline é mais “objeto” do que sujeito de sua sexualidade retornando à concepção iluminista da mulher na qual a sexualidade feminina estaria fatidicamente destinada, pela própria natureza, a facilmente se precipitar para o socialmente tido como degradação moral para o “desregramento”.

Identificamos, deste modo, que a personagem não se resume a provocações referentes à sexualidade se utilizando da inversão de papéis, visto que isso implicaria,

de acordo com o arranjo social da contemporaneidade, em uma visão saudável das práticas sexuais e culturalmente incentivadas (predominante quando se trata do sujeito-masculino), mas numa apresentação de uma “deturpação”, de um “distúrbio”, de uma incapacidade de conter os impulsos sexuais por parte da mulher, a ninfomania – correspondente feminino da satiríase –, discursividade que passa habilmente pelos mecanismos do humor.

Vale salientar que a inclinação do gênero tirinha para o exagero que produz a comicidade não revoga as implicações e repercussões ideológicas dos enunciados. Em suma, Aline apresenta alguns avanços feministas através do exagero, caricaturando a sexualidade feminina, refletindo a designação social de adequação ou de inadequação dada a determinadas práticas a depender do sexo do sujeito.

No prefácio do livro “Aline Fantasias Urbanas” (assinado por Jô Hallack, Nina Lemos e Raq Affonson), afirma-se que Aline é uma “mulher de verdade”, que anula o “estereótipo babaca de mulherzinha”, que ela é “o que toda garota quer ser”, que Aline é “feminista sem ser chata”. Assim, apreendemos que, na ânsia de fugir do estereótipo tradicional de mulher, a identidade feminina precisa ir ao outro extremo, imbuir-se de excessos, desviar-se da “chatice” associada ao feminismo para assumir o papel endossado em “Aline”, posto que seria a identidade idealizada por todas as mulheres. Nesse sentido, o discurso aparentemente de autonomia do sujeito feminino sai de um estereótipo para cair em outro, também carregado de preconceitos e de suposições generalizadas do que deseja a mulher.

Por fim, encontramos, nas tirinhas analisadas, ricas materialidades discursivas para a apreensão das condições de produção amplas e estritas constituintes das identidades femininas que conferem à mulher rotulações de moderna e/ou tradicional e que nos viabiliza, através da especulação dos procedimentos ideológicos intrínsecos à língua, colocarmo-nos também, enquanto sujeitos discursivos, no embate ideológico que mobiliza o social através da história e sem o qual os sentidos e as transformações culturais do feminino não seriam exequíveis.

Referências

BIBLIOTECA DE TIRAS DE ADÃO ITURRUSGARAI. Disponível em: <https://iturrusgarai.wordpress.com/.>. Acesso em 10 de maio de 2019.
FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
ITURRUSGARAI, Adão. **Fantasias Urbanas**. São Paulo: Devir/Jacaranda, 2000.
LIMA, A. S. de. OLIVEIRA, M. L. S. A construção do humor em Adão Iturrusgarai: uma análise pragmática das tiras de Aline. **PERcursos linguísticos.** Vitória, V. 7, n. 15, 2017.
MILLER, T. O. Considerações sobre a tecnologia: quando é um artefato? **Vivência: revista de antropologia**. v. 1, n. 39 (2012) UFRN. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/1937/1377 >. Acesso em 12 de maio de 2017.
OLIVEIRA, Lucirley Alves de. **A construção da identidade feminina em periódicos publicados no Brasil durante o século XIX**. Garanhuns: UFRPE, 2015. Monografia (Curso: Licenciatura em Letras).
ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 3a edição, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12a ed., Pontes Editores, Campinas, SP, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes editores, 2a ed., 2016.
PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio.Tradução: Eni Puccineli Orlandi et al. 4a ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.
ORLANDI, Eni P. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2015.
REVISTA FEMININA, n.127, dez.1924. Acervo Fundação Biblioteca Nacional.
RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.22, n. 76, p. 1-19, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300013>. Acesso em 12 de maio de 2016.
SANTOS, Maria Aparecida Conceição Mendonça. **A domesticação do corpo e a subversão da sexualidade feminina na literatura: do Iluminismo ao Naturalismo**. São Luís: UFMA, 2015 Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Cultura e Sociedade).
SILVA, Adriana Pucci Penteado de Faria e. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso:** perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 45-69.
SANTOS, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso:** perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 209-233.
VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela. et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2014.

Recebido em novembro de 2020.

Aceito em fevereiro de 2021.